

Estávamos na mesa ao lado. Tavinho Barone e Lula Ferrara conversavam em voz baixa, moços educados que são. De vez em quando pareciam discordar, às vezes ficavam veementes, mas tudo baixinho, polido. Não resistimos; disfarçadamente chegamos nossas cadeiras mais para perto da mesa deles até dar para ouvir. Entretidos na conversa, não tinham olhos para mais nada.

- Pô, Tavinho, esse negócio de UFC está intoxicando todo mundo de violência, e você é muito sensível às influências; não entendi essa de poesia. Tem dó! E escrevendo *seus profundos olhos castanhos*?
- Você tava comigo, então também gosta de violência...
- Mas eu não me meto a poeta. E antes que me esqueça, não gosto de violência. Não me deu prazer nenhum ficar até praticamente de manhã vendo o sujeito esborrachar a cara do Zé Aldo, antes aquele brutamontes dar o sopapo radical no outro brutamontes, depois voar sobre ele, caído, barriga para cima, e dar aquele soco de bigorna com a parte de baixo da mão fechada na cara do super-herói, tão forte que a cabeça dele quicou como uma bola. Se não fosse o árbitro correr para tirar o agressor, ele próprio, árbitro, assustado com a violência, o mostrengo teria esmigalhado a cabeça do outro. E ainda teve aquele gaiato em shorts amarelos que caminhou pro ring todo alegrinho, distribuindo beijos de amor, e saiu com a cara transformada numa pasta sangrenta.
- Não fala sopapo, Lula, nem agressor, isso em UFC é ridículo! Foram duas porradas da melhor qualidade. Às vezes gosto de pensar que aquele gorilão é imbatível. E...
- Você já tinha visto ele brigar, elegância?
- Ô, Lula, para com essa *amadorice* de brigar; aquilo foi luta, uma grande luta, por sinal.
- Ah, sei, sei!
- Então, delicadinho, por que aceitou o meu convite para assistir à luta?
- Nunca tinha visto tamanha estupidez, a platéia urrando de entusiasmo com aquela sangueira; me lembrou um filme chamado *rollerball*, com aquele cara que fez o filho violento do Marlon Brando em O Poderoso Chefão. E aquele psicopata ensandecido com a visão e o cheiro de sangue que transformou a cara do sujeito em shorts amarelos naquela maçaroca de carne dissolvida em sangue? Fiquei imaginando aquele narrador, tem jeito de bom moço, sem hífen, no bom sentido; deve ser casado, ter filhos, como chegaria ele em casa depois do entusiasmo narrativo de tanta estupidez, como acariciaria um filho, o caçulinha? Pô, meu, o que não se faz para assegurar o pão de cada dia! Pelo menos, e ainda bem, que não foi à tarde.
- Por que à tarde?
- Atualize-se, Tavinho, atualize-se.
- Eu faço isso, Lula, eu faço. Você viu o noticiário de ontem à noite?

- Não, detesto assistir peças promocionais fora de contexto.
- Pois devia ter visto. Foi por isso que hoje de manhã, poetando, eu escrevi *seus profundos olhos castanhos*. É uma verdade que só eu e os privilegiados vemos. Achei o máximo, ontem!...
- O que você achou tão bacana?
- Os discursos, Lula, os discursos; aqueles senhores são profundamente metafísicos, vêem coisas que só eles, com sua visão de lince, conseguem enxergar. Pô, Lula, você sabe que eu não sou chegado a terrorismo! E tem mais, ‘mermão’, é tudo gente culta, tem que imitar, aprender com eles. É tudo gente esperta...
- Ô!!!... Tavinho?
- Hein?
- Tô ficando preocupado...
- Fica não, atualize-se, atualize-se. E tenha amigos propagandistas, aí você, quem sabe, chega no tapetão, e...
- Que gestos são esses? Eu nunca o havia visto fazendo-os.
- Você não viu, distinto, não viu. Demais!...
- Tudo bem, tudo bem! Mas o que tem isso a ver com *seus profundos olhos castanhos*?
- Cria imagens poéticas, transcendentais, que ultrapassam essa coisa boba e desinteressante a que chamam verdade e realidade, como fazem aqueles senhores metafísicos e seus amigos propagandistas.
- Imagens poéticas, Tavinho?
- Claro, Lula, você precisa ver.
- Ver o quê, Tavinho?
- Os olhinhos vivos da gente esperta saltando ‘daqui’ ‘prali’, as palavras fluindo, dizendo coisas que não precisam decorrer dessas realidades mesquinhas, essa coisa banal da verdade, uma chatura, que *um tal* de John Billings aí cismou de dizer que as verdades são extremamente mais numerosas do que as demandas por ela, você vê? Quem não é amigo, não desse *tal de* Billings, um chato, não consegue alcançar. Há gênios, Lula, que se exteriorizam sem limites, de modo quase automático, sua inspiração não provindo das ideias comuns, desse dia a dia massacrante, dessas necessidades e expectativas absurdas do que chamam de povo, algo que não tem cara, voz própria, que só existe para ser manipulado. Houve um momento grandioso que chego a me fazer ouvir o hino da União Europeia, você sabe, me emociono só de imaginar os acordes iniciais fazendo o fundo daquela cena magnífica; naquele momento me senti igual àqueles senhores, seu amigo, um dos privilegiados que conseguem entendê-los.
- Àquela altura Tavinho Barone parou de falar, seus olhos cravaram-se num ponto qualquer acima da cabeça de Lula Ferrara, seus olhos, muito abertos,

marejados, brilhavam, refletindo a luz clara do ambiente.

– Tavinho?

– Hein?

– Você tem ido ao seu médico?

– Não, eu não tenho tido tempo. Depois, eu ando achando que a patologia que me foi atribuída por aquele pateta daquele médico e por essa gente louca que vive conspirando contra mim é puro pretexto para me diminuir, abalar a minha autoestima.

– Com que finalidade, Tavinho?

– Inveja, meu amigo, inveja.

– Inveja de quê, Tavinho?

– Você já esqueceu das coisas que eu tenho dito mais recentemente? Eu sou normal, Lula, eu sou normal, disse Tavinho Barone elevando o tom da voz.

Entreolhamo-nos. Silenciosamente voltamos com as cadeiras para junto de nossa mesa. Tavinho Barone, olhos esquecidos olhando para um ponto perdido acima de todos, à sua frente Lula Ferrara, como se ali não estivesse, olhando calado e consternado para o amigo.

\$\$\$